

Cabe às Forças Armadas apoiar a decisão da Justiça, diz Múcio

PF avisou comando do Exército na véspera sobre operação contra militares

Resumo. O ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, afirmou nesta quinta (8) que as Forças Armadas devem apoiar o decisões judiciais mesmo que militares sejam alvos da operação. "Cabe às Forças Armadas apoiar a decisão da Justiça", disse.

Por causa da operação, ele adiou por algumas horas viagem a seu estado, Pernambuco, onde passará o Carnaval. O Comando do Exército foi informado pela Polícia Federal na quarta (7) de que militares da ativa seriam alvos de buscas no âmbito da operação contra ex-ministros do governo Jair Bolsonaro (PL), autorizada pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF.

A comunicação é praxe quando militares são alvos de buscas e é feita para que as Forças mobilizem pessoal para auxiliar no cumprimento das medidas judiciais. As informações não detalham o nome dos militares alvos nem o endereço das residências. Segundo relatos feitos à Folha, eles somente dão conta da cidade e região onde será necessário apoio militar para a operação.

Dois generais ouvidos pela Folha afirmaram que Múcio, assim como o comandante do Exército, Tomás Paiva, soube na véspera sobre a operação da PF. A informação foi repassada por volta das 22h. A assessora do ministro, porém, nega que de tenha sido comunicado previamente.



O ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, fala à Folha em Brasília. Pedro Lobo - 21 nov 2023/Folhapress

Múcio tem atuado para minimizar os impactos políticos das investigações sobre as Forças. Alinhado com o comandante Tomás Paiva, ele reiteradamente diz que há uma suspeição sobre os militares e defende que as condutas sejam individualizadas, para mostrar que eventuais atos antidemocráticos foram praticados por militares isoladamente, não pelas instituições.

A comunicação prevê o diálogo sobre a realização de buscas em endereços em Goiânia (GO) e Manaus (AM). Houve, porém, ação contra militares em outras regiões do Brasil, como Brasília e Rio de Janeiro. O Exército ainda realiza levantamentos internos para descobrir quem são todos os alvos das buscas e apreensões e, politicamente, avalia o impacto da operação nas relações institucionais.

Tomás Paiva disse a interlocutores que as investigações miram atos isolados de militares, sem afetar a rotina da Força, e que a operação não deve mudar o esforço para levar a instância de suspeição.

Generais ouvidos pela Folha, porém, afirmam que a operação, a primeira que mira um general integrante da cúpula do Exército em ação, tem poder de desgastar a Força.

O recréio é a de que a investigação se prolongue, por tempo indeterminado, o Exército siga vinculado aos atos antidemocráticos e tentativa de golpe apesar de sua cúpula, por maioria, decidir não dar aval aos planos golpistas.

"O Exército Brasileiro (EB) acompanha a operação deflagrada pela Polícia Federal na manhã desta quinta-feira (8 de fevereiro de 2024), prestando todas as informações necessárias às investigações conduzidas por aquela órgão", disse a Força, em nota.

No pedido ao STF para a realização das buscas e prisões,

a Polícia Federal mostrou uma série de mensagens de celulares de investigadores que apontam para a participação de ao menos seis oficiais generais das Forças Armadas na discussão do decreto golpista.

Os oficiais generais citados são general Walter Braga Netto (candidato a vice de Bolsonaro), general Estevam Theophilo (ex-chefe do Comando de Operações Terrestres), general Marco Freire Gomes (ex-comandante do Exército), general Paulo Sérgio Nogueira (ex-ministro da Defesa) e almirante Almir Garnier (ex-comandante da Marinha).

O general Theophilo foi chefe do Comando de Operações Terrestres do Exército até 1º de dezembro de 2023, quando foi à reserva remunerada.

A Folha revelou que Theophilo participou de reunião a sós com Bolsonaro, no Palácio da Alvorada, após o segundo turno das eleições. Segundo a PF, o objetivo do encontro era que o então presidente buscasse apoio do general na empreitada golpista.

Theophilo é o primeiro general que estava na cúpula do Exército no período eleitoral a ser alvo da Polícia Federal. Segundo a PF, o general teria concordado com as investigações golpistas de Bolsonaro.

Diálogos mantidos entre Mauro Cid e Bernardo Romão Correa Neto apontam que o general Estevam Theophilo Gaspar de Oliveira teria concordado em executar as medidas que culminariam na consumação do golpe de Estado, desde que o então presidente Jair Messias Bolsonaro assinasse o decreto que vinha sendo debatido e ajustado, embora não se constasse com a adesão do General Freire Gomes.

César Feitosa, Fabio Serapiao, José Marques, Bruno Boghossian e Ranier Bragan

Saiba quem são os generais de quatro estrelas atingidos pela operação da PF



General Paulo Sérgio Nogueira

Foi comandante do Exército e ministro da Defesa de Bolsonaro. Líder de uma cruzada contra as urnas eletrônicas, formulando questionamentos disparatados e colocando em dúvida reiteradas vezes a segurança das eleições.



General Augusto Heleno

Esteve ao lado de Bolsonaro desde a eleição de 2018. Foi ministro-chefe do G3 (Gabinete de Segurança Institucional). No cargo, Heleno foi um militante fervoroso, emitindo notas com ameaças de golpe e pondo em risco ataques contra as instituições.



General Walter Braga Netto

No governo de Bolsonaro, foi ministro-chefe da Casa Civil e ministro da Defesa. Escorrido pelo então presidente como seu candidato a vice nas eleições de 2022, estimulou manifestantes que contestavam o resultado das eleições, e está inelegível.



General Estevam Theophilo

É apontado como um dos mais bolsonaristas entre os integrantes do Alto Comando do Exército nos últimos anos. Ele teria se reunido com o ex-presidente e concordado com medidas que culminariam em um golpe.



Almirante Almir Garnier

É tido como o que mais atuou politicamente em favor de Bolsonaro entre os últimos comandantes das Forças Armadas. Segundo a delação de Mauro Cid, se manifestou favoravelmente à tentativa de golpe formulada após a derrota de Bolsonaro para Lula.

Duelo entre Moraes e Bolsonaro chega à sua hora da verdade

ANÁLISE

Igor Gielow

SAO PAULO Como de costume, Polícia Federal buscou um verniz duvidoso para batizar sua mais importante operação em muito tempo: Tempus Veritatis, ou Tempo da Verdade. Foi pouco criativa e nada criptográfica: trata-se da hora da verdade tanto para Jair Bolsonaro (PL) quanto para o cérebro da ação, Alexandre de Moraes.

Desde que o inquérito das fake news surgiu, na forma de uma queixa apontada pelo então presidente do Supremo Dias Toffi contra um procurador ligado à Lava Jato em 14 de março de 2019, tudo levou para um embate no tal hora da verdade, entre o ex-presidente e o ministro relator do caso.

Apesar de os detalhes de conversas apontadas até aqui serem aterradoros, o Supremo recente do Supremo sugere que a megaprosecução contra o cenário da defesa narianismo está atrás de evidên-

cias para embasar tese amplamente conhecida e enunciada por Moraes acerca das intenções golpistas do grupo que governou o país de 2019 a 2022. Bolsonaro e seus sequestraram ao longo dos anos com fartas demonstrações de desprezo à democracia e de desleixo de ruptura. O debate legal que se segue é se tais vontades se configuraram numa tentativa de golpe de Estado estruturada, que Moraes vê no 8 de janeiro.

Dai os alvos da operação, além de Bolsonaro em si. É a nata da superestrutura do bolsonarismo no poder, uma amalgama entre militares de alta patente (Braga Netto, Augusto Heleno), gente ligada à suposta ideologia do grupo (assessores como Filipe Martins) e os conselheiros do centro (Valdemar Costa Neto). A situação é particularmente constrangedora para os far- dados, cuja simbiose com o bolsonarismo cobra seu preço com juros. Há generais de quatro estrelas da reserva, dois ex-ministros da Defesa e ex-comandantes de duas

Forças, Exército e Marinha, no rol de investigados. Não é pouca coisa para uma classe já bem desgastada.

Outro impacto é sobre o PL, partido com mais recursos do país. Valdemar é o fiador de um cipal de acordos já para as eleições municipais de outubro, a começar pelo cargo de vice de Ricardo Nunes (MDB) em São Paulo. A dependência de como acabar envolvido, tudo fica em suspense.

Do ponto de vista político, o que não significa eleitoral,

o ex-presidente já está condenado —tanto que perdeu seus direitos políticos por oito anos devido justamente a um dos itens de sua dieta golpista, o ataque sistemático ao sistema eleitoral brasileiro.

Mandar o sujeito para a cadeia, contudo, é outra história, não só pelas repercussões políticas mais epidêmicas. É de se esperar que Moraes tenha claro o que procurar, ao que tudo indica amparado pelas indicações das pelo ex-ajudante de or-

dens Mauro Cid e pelo relato duro feito pela PF, pois tudo com que o bolsonarismo precisa é de um mártir.

Lula (PT) está aí para provar, presidente pela terceira vez após amargar oito dias na cadeia. A campanha de desmonte da Lava Jato de restituição pelo mesmo Bolsonaro após usar o impacto da operação para se eleger, foi além dos abusos judiciais apontados e ganhou ares de política de Estado. Dia sim, dia não, o presidente, algum petista e, agora, até um ministro do Supremo corroboraram a tese de que foi tudo uma grande armação internacional —os PS e bilhões admitidos em roubos, ignorados.

Nesse clima, vale tudo. Assim, Bolsonaro emula pela enésima vez seu ídolo, Donald Trump, para dizer que está sofrendo uma perseguição. É o que lhe resta no momento, e pode ser mais do que suficiente para manter energizada a franja de eleitores que se dizem bolsonaristas, até o nível de que o ex-mandatório se mandou para

os Estados Unidos para não passar a faixa a Lula.

Do ponto de vista institucional, Moraes colocou todas as fichas nesta rodada. Bolsonaro está acuado, pois sabe que do ponto de vista de discurso é culpado, e as evidências que emergem parecem gravíssimas. Se tinha capacidade de ser um mentor ativo das conspirações que o orbitavam, o ónus final das provas é do ministro e da PF.

Para seus críticos, Moraes já é um Sergio Moro anabolizado há anos, operando em franja além da legalidade estrita. Quando foi à casa dos Bolsonaro na semana passada, de olho no mentor digital da família, o filho Carlos, já apontava para onde iria, apesar de grossos formatos de alegações algo rarefeitas.

Seus admiradores e aliados apontam que Moraes é paciente e metódico, e que não mandaria a PF bater à porta de Bolsonaro sem uma estratégia pronta. Após duelar com o ex-presidente por quase cinco anos, chegou a hora da verdade.